

Jardim Botânico de Lisboa

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA

HORÁRIOS

- Todos os dias exceto nos feriados de natal e 1 de janeiro
- outubro a março - 10h00 às 17h00
- abril a setembro - 9h00 às 20h00
- Última admissão: meia-hora antes do encerramento

BILHETEIRA

Mais informações em:
www.museus.ulisboa.pt

CONTATOS

Rua da Escola Politécnica, nº54, 1250-102 Lisboa

www.museus.ulisboa.pt

geral@museus.ulisboa.pt

Coordenadas: 38.717755° N, -9.149855° W

TRANSPORTES

Metro: Linha amarela – estação do Rato

Autocarros: 758 e 773 (Paragem: Rua da Escola Politécnica)
706, 709, 713, 774, 720, 727 e 738 (Paragem: Largo do Rato)

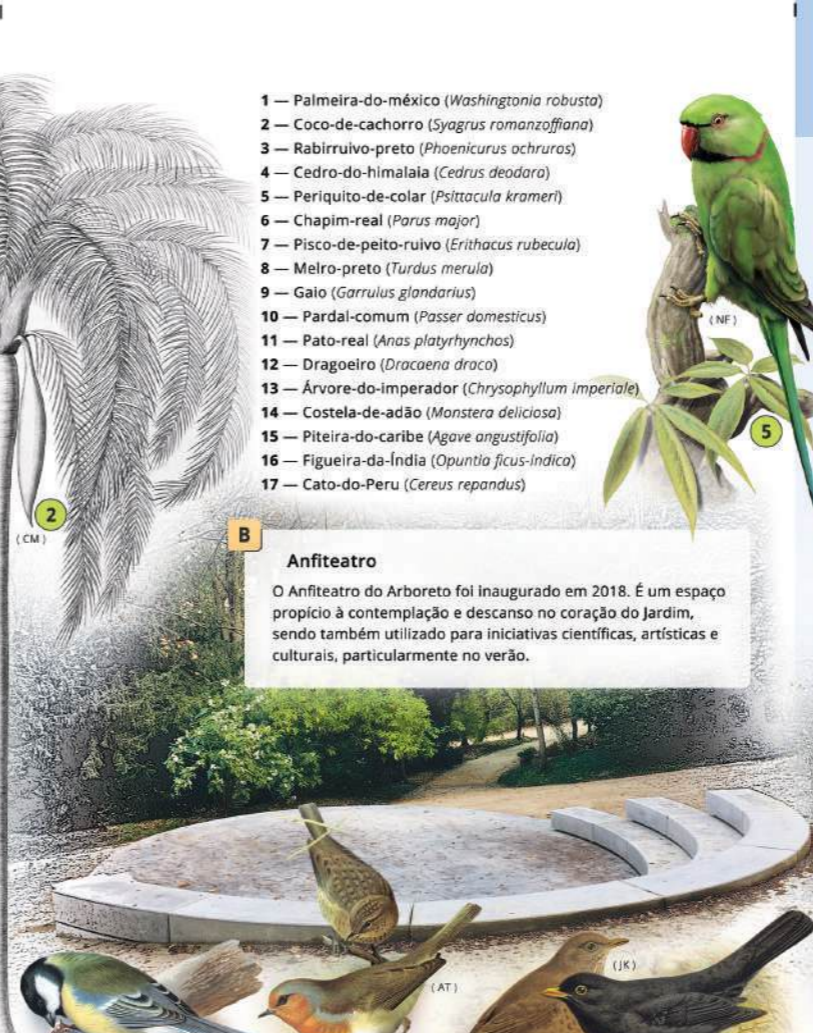
Elétrico: 24E



- Neste espaço de ciência e história, agradecemos que:
- não entre nos canteiros e não colha plantas ou partes de plantas;
 - não suba às árvores nem jogue à bola;
 - não danifique equipamentos nem perturbe o usufruto do Jardim.



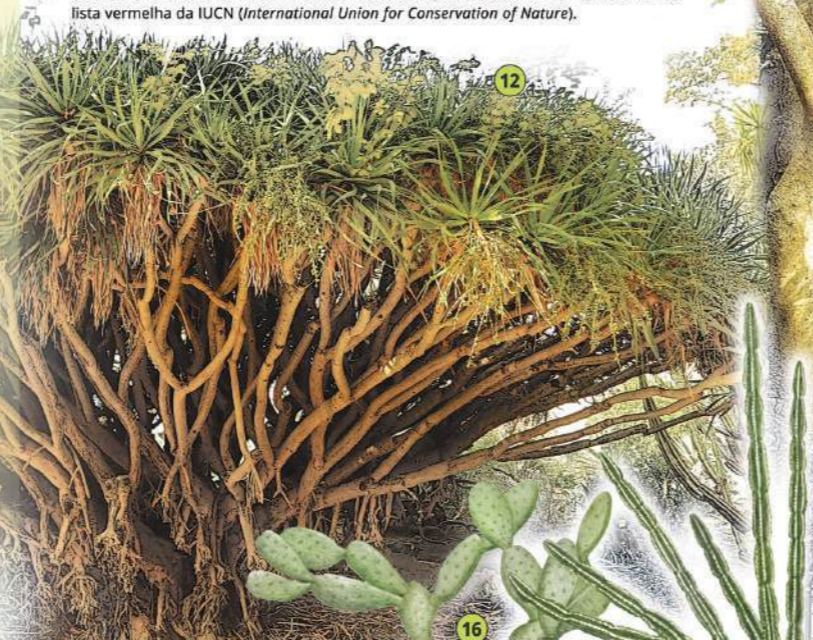
A Palmeiras
As palmeiras desenvolvem caules lenhosos (espiques) que podem atingir mais de 60 m. É neste grupo de plantas que se encontram as maiores folhas, inflorescências e frutos. As palmeiras têm uma grande importância económica, imediatamente a seguir aos cereais, no que diz respeito à produção alimentar. A coleção do JBL não está em estufas, sendo por isso uma das maiores ao ar livre na Europa, com 35 espécies diferentes.



B Anfiteatro
O Anfiteatro do Arboreto foi inaugurado em 2018. É um espaço propício à contemplação e descanso no coração do Jardim, sendo também utilizado para iniciativas científicas, artísticas e culturais, particularmente no verão.



As aves do Jardim Botânico de Lisboa
São inúmeras as espécies de aves que procuram abrigo e alimento no Jardim Botânico, nativas ou exóticas que se adaptaram ao clima da cidade. Podemos observar com alguma frequência o Melro-preto (*Turdus merula*), o Rabirruivo-preto (*Phoenicurus ochruros*), o Pardal-comum (*Passer domesticus*), o Gaio (*Garrulus glandarius*), o Chapim-real (*Parus major*), o Pisco-de-peito-ruivo (*Erythacus rubecula*), a Trepadeira-azul (*Sitta europaea*), o Pato-real (*Anas platyrhynchos*), a Gaiivota-argêntea (*Larus michahellis*) e os exóticos Periquito-de-colar (*Psittacula krameri*) e Periquito-de-cabeça-azul (*Aratinga acuticaudata*), para além de muitas outras espécies dependendo da estação do ano.

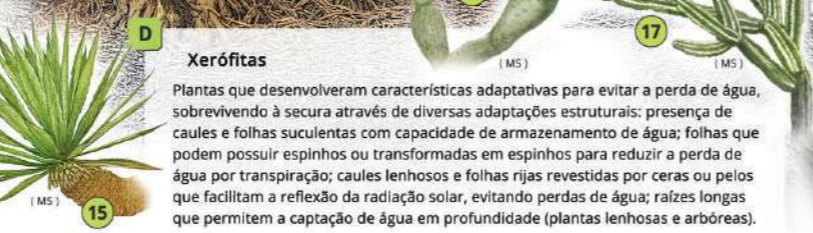


D Dragoeiro
(*Dracaena draco*)
Planta endémica da região Macaronésica - arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. Com ramificação dicotómica a ocorrer após cada floração, apresenta agregados de folhas espessas em forma de lança na extremidade dos ramos. De crescimento muito lento, pode chegar às centenas de anos. A resina, de cor avermelhada, conhecida como "sangue-de-dragão", foi usada durante séculos ao nível da tinturaria e do envernizamento de madeiras. Espécie listada como "Vulnerável" na lista vermelha da IUCN (*International Union for Conservation of Nature*).



E Árvore-do-imperador
(*Chrysophyllum imperiale*)
Oriunda da mata atlântica na América do Sul, esta espécie encontra-se ameaçada de extinção devido à destruição do seu habitat, existindo alguns exemplares preservados em jardins botânicos. Pode atingir 20 m de altura, as folhas são grandes, espessas e brilhantes, as flores pequenas e claras e os frutos muito saborosos. A madeira é muito dura e foi utilizada em marcenaria naval. Ao que se sabe, a planta deste Jardim terá sido oferecida por D. Pedro II do Brasil ao Conde de Ficalho (primeiro Diretor do JBL) e só frutificou uma vez, originando um único fruto com sementes férteis.

CRÉDITOS
Textos — Raquel Barata / MUHNAC
Ilustração — Archibald Thorburn (AT); Carl Marlius et al. (CM); Gabriela Xavier (GX); John Keulemans (JK); Mariana Santos (MS); Nuno Farinha (NF); Rita Cortês de Matos (RM)
Fotografia — Nuno Farinha e Museu UL (MUL)
Design — Nuno Farinha / www.nunofarinha.com
Todos os direitos reservados ©2023



D Xerófitas
Plantas que desenvolveram características adaptativas para evitar a perda de água, sobrevivendo à secura através de diversas adaptações estruturais: presença de caules e folhas suculentas com capacidade de armazenamento de água; folhas que podem possuir espinhos ou transformadas em espinhos para reduzir a perda de água por transpiração; caules lenhosos e folhas rijas revestidas por ceras ou pelos que facilitam a reflexão da radiação solar, evitando perdas de água; raízes longas que permitem a captação de água em profundidade (plantas lenhosas e arbóreas).

Jardim Botânico de Lisboa

O Jardim Botânico de Lisboa (JBL), inaugurado em 1878, ocupa aproximadamente 4 ha e integra cerca de 1500 espécies. A sua história, coleções e edifícios constituem uma atração educativa e cultural única na cidade. É um dos três jardins botânicos da Universidade de Lisboa e os seus microclimas permitem que seja particularmente rico em espécies tropicais e subtropicais. A preservação de todas as plantas é feita sem intervenção humana excessiva, no respeito pelo aspeto que teriam no seu habitat natural. O Jardim está sujeito ao clima do sul da Europa, cada vez mais quente, pelo que é possível que a circulação de água seja por vezes limitada, o subcoberto possa surgir mais seco no verão, ou exemplares mais vulneráveis possam sofrer danos causados pelo calor ou tempestades. Em 2010, o Jardim foi classificado como monumento nacional. Em 2018, reabriu após obras de requalificação e restauro. Durante a visita, agradecemos o cumprimento das normas de visita, nomeadamente a salvaguarda de exemplares, de canteiros e da tranquilidade e segurança dos visitantes.



C Observatório Astronómico
O Observatório Astronómico foi concluído em 1875 para apoio ao ensino na Escola Politécnica de Lisboa. Foi reconstruído em 1898 e divide-se em três estruturas: o edifício principal (recentemente restaurado), com a 'sala da meridiana', três cúpulas e a sala de aulas; um segundo edifício mais pequeno, de madeira, onde se calibravam instrumentos; e um terceiro edifício usado no passado para aulas. O Observatório possui uma coleção de cerca de 100 instrumentos históricos.

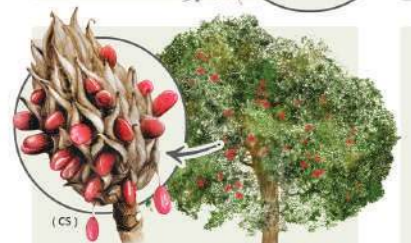
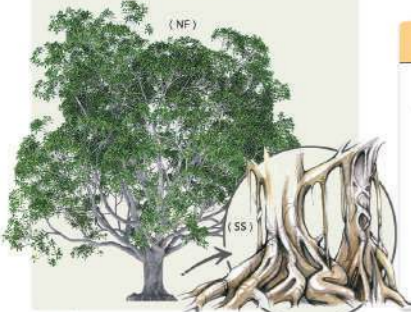


E Lago de baixo
O lago de baixo do Jardim data da sua fundação e tem sofrido diversas requalificações desde o final do séc. XIX. A última aconteceu recentemente, tendo o lago sido reinaugurado em 2018.



Figueira-estranguladora (*Ficus macrophylla*)

Originária da Austrália, esta figueira pode germinar sobre árvores hospedeiras, estrangulando-as à medida que as suas raízes aéreas crescem e se estabelecem no solo, formando troncos secundários que rodeiam o tronco grosso e compacto. A árvore é muito exigente em água e tem uma elevada taxa de crescimento, podendo atingir mais de 60 m de altura. As folhas são grandes, espessas, de um verde-escuro brilhante. Como qualquer figueira, estabelece mutualismo obrigatório com uma espécie de vespa que garante a polinização, não existindo produção de figos férteis na sua ausência.



Magnólia-branca (*Magnolia grandiflora*)

A magnólia-branca é uma espécie de folha perene do sudeste dos Estados Unidos, muito cultivada em jardins e parques. De grande porte, com copa densa e folhas espessas, consistentes e brilhantes, produz grandes flores brancas muito aromáticas, com cerca de 25 cm de diâmetro. Os frutos dispõem-se numa estrutura semelhante a uma pinha e as sementes, de cor vermelha, pendem por fios finos quando maduras e são dispersas por aves e mamíferos. Alguns dos fósseis mais antigos de plantas com flor apresentam flores semelhantes às da magnólia-branca.

Ginkgo (*Ginkgo biloba*)

É uma espécie considerada muito resistente, um fóssil vivo (270 Ma), único representante da sua ordem. A distribuição natural restringe-se ao sudeste da China, sendo cultivada como ornamental e utilizada medicinalmente devido a propriedades vasodilatadoras. Árvore caducifólia, com folhas em forma de leque, bilobadas e com nervação dicotómica, conhecidas pelo tom dourado no outono. É uma espécie dióica (sexos separados em indivíduos diferentes) que produz sementes amareladas e globosas com cheiro intenso a manteiga rançosa para atrair pequenos mamíferos dispersores.



Antigo Picadeiro

O antigo Picadeiro destinava-se a aulas de equitação e de esgrima no Real Colégio dos Nobres (1759-1837), sendo atualmente o único edifício setecentista no complexo do Museu. A sua construção foi iniciada em 1763 e o seu magnífico teto em madeira está classificado como imóvel de interesse público desde 1978. O edifício teve múltiplas funções ao longo do tempo, sendo recentemente palco de exposições, concertos e outras atividades culturais.

(Paragem: Rua da Escola Politécnica)

Edifício principal do Museu

O Jardim Botânico de Lisboa (JBL) foi projetado no século XIX para apoio ao ensino e investigação na Escola Politécnica de Lisboa (1837-1911), dando continuidade a uma tradição de dois séculos no cultivo de plantas para fins úteis e de estudo, iniciado com o colégio jesuíta da Cotovia (1609-1759) e o Real Colégio dos Nobres (1761-1837). É hoje parte do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa.

Cedro-do-himalaia (*Cedrus deodara*)

Árvore do grupo dos ciprestes originária da região oeste dos Himalaias. O tronco é direito, podendo atingir até 3 m de diâmetro e os ramos são abertos, quase horizontais. As folhas aciculares (forma de agulha) estão normalmente agrupadas em raminhos laterais curtos. Os cones masculinos e femininos encontram-se na mesma planta. Atualmente muito cultivada como ornamental em jardins e parques, é também fonte de produtos medicinais e tem sido utilizada como anti-inflamatório e analgésico. O óleo tem propriedades inseticidas.



Cicadófita e *Encephalartos* sp.

Encephalartos é um género africano pertencente ao grupo das cicadófita. As cicadófita são consideradas fósseis vivos (290 Ma), vulneráveis ou em perigo de extinção, com distribuição confinada a algumas áreas restritas das regiões tropicais e subtropicais. São plantas dióicas (sexos separados em indivíduos diferentes) e as estruturas reprodutoras são similares a cones ou pinhas. A maioria das espécies deste grupo está extinta e algumas espécies só existem em jardins botânicos. O JBL possui uma importante e diversa coleção de cicadófita.



Classe

A partir de 1873, por iniciativa de dois professores da Escola Politécnica de Lisboa, Conde de Ficalho e de Andrade Corvo, é iniciada a plantação do Jardim. Edmundo Goeze, o primeiro jardineiro-chefe, delineou a 'Classe', parte superior do jardim com uma inicial ordenação sistemática, estando aí representadas as principais famílias de plantas com flor. Na década de 1940, após a construção do atual edifício do herbário (projeto de Adelino Nunes), a ordenação sistemática foi reorganizada em conjuntos dispostos em canteiros à volta de um lago central, denominado Lago de Cima.

Estação Meteorológica

A estação meteorológica existe desde 1853 e pertence ao Instituto D. Luiz da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Fornece a mais antiga série de dados meteorológicos contínuos do país e integra a rede nacional de estações do IPMA - Instituto Português do Mar e da Atmosfera.

Estatuária

Os bustos de Bernardino António Gomes Pai e do filho, ambos médicos com o mesmo nome, encontram-se no centro da escadaria monumental e na Classe, respetivamente. O primeiro foi responsável pelo estudo da quina, uma planta da América do Sul e pela consequente identificação e isolamento do princípio ativo contra a malária.

Coleções e recantos do Jardim

- A — Coleção de Figueiras
- B — Sala de Formação; C — Edifício da Botânica
- D — Lago de cima; Coleção Plantas Aquáticas
- E — Observatório Astronómico
- F — Estação meteorológica; G — Sala de Educação
- H — Lago do meio; I — Briófitos e Líquenes
- J — Anfiteatro; L — Coleção de Araucárias
- M — Lago de baixo; N — Aves do Jardim Botânico
- O — Coleção de Palmeiras; P — Coleção de Cicadófita; Q — Coleção de Monocotiledóneas
- R — Coleção de Xerófitas; S — Jardim Sensorial
- T — Hotel de Insetos

CRÉDITOS
 Textos — MJH/MAC
 Ilustração — Ana Dias (AD); Carolina Correia (CC); Carolina Silva (CS); F. Antoine (FA); Luísa Cristóvão (LC); Marisa Santos (MS); Nuno Farinha (NF); Pedro Salgado (PS); Rita Cortês de Matos (RM); Simone Strieker (SS); Tetyana Chikyrya (TC)
 Cartografia — Nuno Farinha
 Todos os direitos reservados ©2023

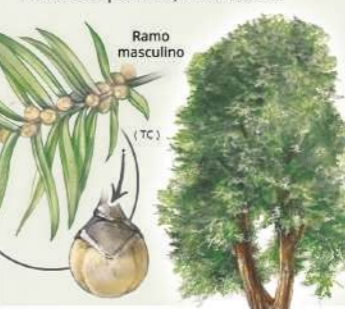
Pinheiro-de-cook (*Araucaria columnaris*)

Araucária endémica da Nova Caledónia e descrita pelos botânicos que acompanharam o Capitão James Cook na sua 2ª viagem. Muito cultivada como ornamental, possui um hábito quase colunar devido aos numerosos ramos curtos rodeados por raminhos que lembram cordões, revestidos por folhas em forma de escama que se sobrepõem. Cones masculinos e femininos na mesma árvore, os masculinos terminais e cilíndricos (10 cm), os femininos mais globosos, até 15 cm de diâmetro. O JBL possui uma coleção de araucárias, consideradas plantas primitivas, com diversas espécies.



Teixo (*Taxus baccata*)

Nativa de quase toda a Europa, América, Norte de África, Ásia e Austrália, ocorre em serras do Norte de Portugal, mas com estatuto de proteção devido à destruição de habitats. Planta de porte arbustivo ou arbóreo, pode atingir 15 m de altura. Com folhagem verde escura, é dióica (sexos separados em indivíduos diferentes) e a semente é envolvida por uma estrutura carnosa vermelha (arilo), única porção comestível uma vez que a planta é extremamente tóxica. Do teixo extrai-se o taxol, fármaco usado na luta contra o cancro, hoje sintetizado quimicamente. A madeira é de elevada qualidade, muito flexível.



Parrotia (*Parrotia persica*)

Árvore caducifólia, originária de florestas situadas a sul do Mar Cáspio, no Irão e no Azerbaijão. Espécie ornamental por excelência, o seu tronco é revestido por uma casca lisa, castanha-rosada. As folhas, de margens onduladas, são verdes, brilhantes e tornam-se vermelhas no outono, conferindo à árvore uma beleza singular. As flores são pequenas e vermelhas, sem pétalas. A madeira, muito dura, não se deixa trabalhar. Foi descoberta por um naturalista alemão, F.W. Parrot, no Monte Ararat, quando procurava vestígios da Arca de Noé.



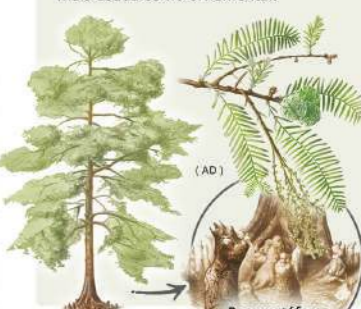
Canforeira (*Cinnamomum camphora*)

Árvore da família do louro e rica em óleos essenciais. Nativa da China, Formosa, sul do Japão, Coreia e Vietname, mas cultivada em muitas regiões tropicais para produção de cânfora e de madeira. A cânfora é obtida a partir da destilação, a vapor, da madeira estilhaçada e é utilizada medicinalmente, como componente do incenso, como especiaria e como repelente de insetos. Os restos de folhas e ramos secos e esmagados atestam o cheiro da cânfora.



Cipreste-dos-pântanos (*Taxodium distichum*)

O cipreste-dos-pântanos é uma árvore caducifólia, nativa das zonas pantanosas de clima temperado quente, no sudeste da América do Norte. Pode atingir 40 m de altura e o tronco 2 m de diâmetro. Apresenta cones masculinos e femininos no mesmo indivíduo. A base do tronco está rodeada por pneumatóforos, raízes que emergem a partir de outras existentes no solo para aceder facilmente ao oxigénio, o qual se encontra rarefeito nos solos alagados. A madeira é de elevada qualidade, mas a árvore é mais usada como ornamental.



Paineira (*Seiba crispiflora*)

Espécie caducifólia que pode ultrapassar 20 m de altura, nativa da América Central e do Sul. O nome vulgar resulta da presença da paina ou sумаína ("fios" sedosos que envolvem as sementes), utilizada no enchimento de almofadas, e da forma do tronco, dilatado na parte inferior, onde se armazena a água que lhe permite tolerar períodos de seca. Espinhos cónicos cobrem o tronco como estratégia para impedir o acesso de animais à copa. As flores rosadas surgem no outono, antes das folhas. É uma espécie muito cultivada em parques e jardins.

